

Âncora na TV: informação, interpretação e opinião. A discursividade em níveis verbal e não-verbal

Anchor on TV: information, interpretation and opinion.
The speech in verbal and non-verbal e levels

Roberto Ramos

Professor em Educação da PUCRS/RS - Graduação e Pós-Graduação da FAMECOS (PUCRS). Obras publicadas: Futebol: Ideologia do Poder; Grã-finos na Globo, Manipulação e Controle da Opinião Pública; A Máquina Capitalista, Mídia, Textos e Contextos (org.) e A Ideologia da Escolinha do Professor Raimundo.

E-mail: rr@pucrs.br

Flávio Porcello

Professor em Comunicação Social da UFRGS - Graduação em Jornalismo e Direito (UFRGS) – Mestrado e Doutorado (PUCRS).

E-mail: flavio.porcello@ufrgs.br

Resumo

Este artigo estudará os elementos semiológicos que estão presentes no discurso da Mídia. As questões de pesquisa serão: como a Mídia, especialmente a Televisão, utiliza a divulgação de categorias como forma de atrair a atenção do público para questões de menor importância, enquanto se omite de informar os assuntos que são verdadeiramente relevantes? Por que a Cultura, em uma de suas subcategorias, a Cor, é peça fundamental no componente visual das transmissões televisivas, servindo como elemento vital para a composição de cenas, imagens e sentidos? Âncora, Mídia, Discurso e Poder na TV também serão analisados no presente artigo, que tem em Barthes sua fundamentação teórica.

Palavras-chave: Âncora - Televisão - Semiologia.

Introdução

Cores, formas, palavras, imagens, sons e silêncios que, através da Televisão, ajudam a construir o imaginário brasileiro e a cultura nacional também são dispostos diante dos olhos de quem as vê e ouve de maneira subjetiva. Há ideosfera, em níveis verbal e não-verbal, por trás desse mosaico que brilha luminosamente nas telas da TV. Por isso, é preciso observar, identificar e questionar a capacidade que a televisão tem de contar suas histórias, podendo montar e remontar o passado, conforme as suas conveniências.

O propósito do presente artigo é analisar a linguagem televisiva, com foco no telejornal SBT Brasil, ancorado por Ana Paula Padrão, exibido desde 15 de agosto de 2005 no Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), e que marcou uma nova tentativa da emissora de resgatar sua credibilidade com a prática de um jornalismo sério

e comprometido com a realidade dos fatos.

As lentes teóricas a serem utilizadas para enxergar e também dissecar o objeto de estudo estão baseadas nos pressupostos teóricos de Roland Barthes. As categorias examinadas serão: Discurso, Âncora e Poder.

Fundamentação teórica

A teoria barthesiana será movida por algumas categorias básicas, que foram selecionadas de acordo com as características do objeto de estudo proposto: Discurso, com as subcategorias Imagem e Palavra; Âncora, com as subcategorias dos Gêneros Jornalísticos, e Poder, agenciadas para a compreensão da relatividade dos signos.

Barthes (1994) categoriza o Discurso com a reivindicação do resgate etimológico. Ele anota, com

zelo e algum sentido de purismo, que “dis-cursos é, originalmente, a ação de correr para todos os lados, são idas e vindas, ‘démarches’, intrigas”. Há uma abordagem que o identifica com o movimento e com a perspectiva de uma dinamicidade.

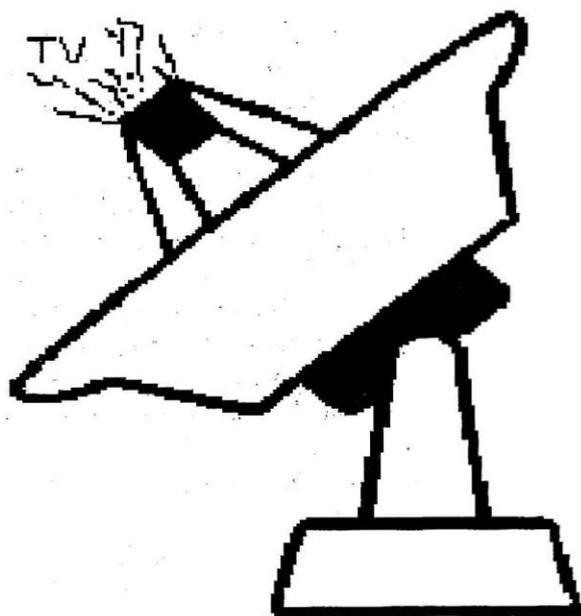
A anotação contempla o movimento em sua peregrinação histórica, por intermédio da dinâmica dos signos. Parece ser a relação, em seu caráter dialógico, da orquestração semiológica. É um diálogo entre a imutabilidade da Língua, como código, e da Fala, em sua expressão lúdica, tecida tal qual um jogo de dominó.

O semiólogo (2003, p. 279) ainda observa o Discurso, em um sentido moderno, como uma “divagação, uma excursão”. Resgata a abordagem de Mallarmé, enfatizando que toda a divagação apresenta uma antítese básica. Realiza revelação e, ao mesmo tempo, produz encobrimentos. Prospera um olhar dialético.

A categorização barthesiana parece carregar duas articulações. Estabelece as dimensões lingüísticas da discursividade, pelo plano da denotação. Não pára aí. Prossegue. Abraça o translingüístico pelos vértices da conotação, na qual “vibra o social”. Assim, o discurso pode se tornar inseparável de uma abordagem dialética.

Tal concepção pode exorcizar o reducionismo, de todos os calibres, e a simplificação, de todas as bitolas. A produção discursiva não se inscreve apenas como um evento verbal, de linhagem escrita e oral. É mais do que isso. Envolve, também, as possibilidades não-verbais, ou seja, a produção de imagens.

A Discursividade é uma síntese que congrega a Palavra e a Imagem em suas relações de exclusão e de inclusão, em suas divergências e convergências. Ambas, como signos, dialogam. Em



suas distâncias, compartilham as suas aproximações. Assumem as suas características, indissociáveis, de complementaridade.

A Imagem, para Barthes (1999), é impactante. Tem repercussão imediata. Mexe com as emoções. Parece tocar o intangível do desejo e dos processos inconscientes. É, por essência e por excelência, polissêmica. Codifica uma pluralidade de sentidos ao mesmo tempo. Na sua prática contábil, o mesmo parece ser sempre mais. Pode roteirizar-se como uma prática pós-moderna, conforme Maffesoli (1995).

A Palavra, por sua vez, é menos impactante. Repercute menos. Não tem a audiência tão massificada. Parece caminhar por outro segmento. Compromete-se com a estabilidade de sentido. Está permeada pelo halo racional. Pauta-se por uma linearidade, bem ao gosto da Cultura – como Intertexto, segundo Barthes (s.d.) – da Modernidade.

Uma parece não viver sem a convivência da outra. A Imagem precisa, em sua pluralidade de sentido, de uma estabilidade. A Palavra, em suas pronúncias conscientes, necessita da volúpia e da

inconstância, próprias da Imagem. Ambas conversam; ambas se compreendem. Relacionam-se e se inter-relacionam.

Desse diálogo emerge a categoria de Âncora. Ancorar é estabelecer a significação, de acordo com Barthes (1988). É o que faz, tradicionalmente, a legenda em relação à fotografia. Singulariza o sentido, especificando-o. Tal prática, oriunda, inicialmente, da Mídia impressa, parece ganhar maior visibilidade, no momento, na Mídia eletrônica.

Squirra (1993) estipula dois modelos de Âncora. O Tradicional, norte-americano, trabalha duas funções. É o editor-chefe e o comunicador. Já no modelo de Casoy, há o acréscimo de uma terceira função. É a do comentarista. Além deles, temos, também, uma outra configuração. Preferimos denominá-la de Âncora Empírico: é o comunicador que, não sendo editor-chefe e podendo ser ou não subeditor, tem liberdade para transitar entre os Gêneros Informativo, Interpretativo e Opinativo.

Cabe, neste sentido, explicitarmos os Gêneros Jornalísticos. O Informativo tem, como objeto, a Notícia. O Interpretativo procura contextualizar o fato noticioso. É tridimensional. Procura resgatar as dimensões do presente, do passado e do futuro. O Opinativo, por sua vez, está comprometido com a produção de juízo de valor.

As questões da Discursividade dialogam com o Poder. Barthes (1997, p. 9-10) o caracteriza como “Libido dominandi”. Está relacionado com a história inteira do homem, e não somente com a história política. É um “parasita do organismo transsocial”, que se manifesta na expressão obrigatória da Linguagem: “A Língua”.

O semiólogo propõe um elo interdisciplinar com a Psicanálise, criada por Freud em 1895. Sintoniza o Poder com a categoria de Libido, em seu desenho biológico, em suas diferentes fases, constituintes do Inconsciente. Apresenta um caráter inato e um perfil que afirma e confirma a sua invariância na trajetória do existir humano.

A Libido tem recebido diferentes leituras e interpretações. Alguns a reduzem à condição de um impuro sinônimo de prazer sexual. Outros conseguem vê-la, com mais consistência, como energia prazerosa em suas múltiplas possibilidades de realização. Parece ser inseparável da questão do prazer.

O Poder, como Libido dominante, é a própria configuração do Princípio de Eros, que concede sentido à existência humana. Possui diferentes expressões, uma das quais é a sexualidade. O seu perfil biológico, de fisionomia inata, parece estabelecer toda a sua condição básica de atemporalidade. Ainda que invariante, a Libido se particulariza em diferentes fases. Passa pela oral, anal e fálica durante a primeira infância. Tal qual ocorre, em seu sincretismo, com o Poder, que é imutável no curso da história, porém tem uma singularidade. Especifica-se em cada conjuntura histórica, com traços particulares.

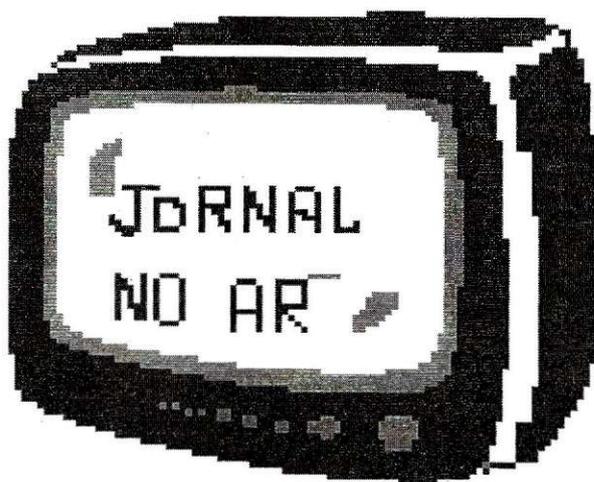
Interpretação dos dados

Todos os telejornais que seguem o padrão norte-americano, como os brasileiros, começam com uma vinheta de abertura. A vinheta tem um tom convocatório. No rádio, ela seria chamada de cortina musical. Na verdade, além de convocar o público para as notícias que estão chegando, o propósito é o de dar uma identidade ao produto que será exibido. Se o gênero for na área da dramaturgia e

a telenovela tiver uma temática mais suave, na linha humorística, por certo virão desenhos, animações gráficas multicoloridas e um fundo musical em tons bastante irreverentes. Se a temática for séria, a composição visual será em tons sóbrios e a música mais pesada. O jogo de cores utilizado para compor uma imagem ou uma seqüência de imagens na TV sempre é bem estudado. Farina (1990, p. 24) observa que “a percepção humana é um conjunto coordenado de impressões e não um grupo de sensações isoladas: uma parede vermelha pode ‘avançar’, uma parede azul clara parece ‘afastar-se’ e uma parede amarela ‘desaparece’ quando a olhamos”.

Profissionais que utilizam a cor em suas atividades cotidianas, como os que atuam em TV, sabem que a cor vermelha tem uma representação estática, a cor amarela significa expansão e a cor azul significa vazio. O azul é considerado cor fria, que traz sensações de bem-estar. A vermelha é considerada cor quente, que dá sensações intensas. A tonalidade azul é considerada a cor da TV. Fundos em estúdio, bancadas de telejornais e vinhetas de programas jornalísticos, em todo o mundo, adotam prioritariamente a cor azul em sua programação visual. Assim, aparece claramente a categoria Discurso, com a subcategoria Imagem.

Como o assunto aqui é o telejornal SBT Brasil, ancorado por Ana Paula Padrão, é da forma como é feita a sua entrada no ar que vamos tratar. Seguiremos, então, adotando como lente de observação a categoria Discurso, primeiramente com o uso da subcategoria Imagem. A vinheta é forte e adota um ritmo acelerado. A música é rápida e as cores são predominantemente quentes, como o vermelho, o laranja e o amarelo,



embora também adote em plano secundário uma tonalidade de azul. A padronização de cores é adequada às cores utilizadas pelo SBT em sua identidade visual, multicolorida e dinâmica.

Escalar – está em todos os dicionários – é um verbo transitivo que significa subir, avançar para cima, como fazem os alpinistas quando enfrentam desafios de todo o gênero ao tentar escalar montanhas geladas. Em TV, a escalada é a seqüência dos principais assuntos que serão apresentados naquela edição. Se quisermos comparar, seria como a capa do jornal, onde estão impressas as principais manchetes do dia. As manchetes estão na capa, o detalhamento das notícias vem dentro do jornal. Na TV é a mesma coisa. A escalada anuncia o que o telejornal vai mostrar. Como TV é imagem em movimento, uma vantagem a favor do telejornal é que a escalada pode ser ilustrada com a seqüência de cenas em movimento. É como se a foto da capa do jornal ganhasse vida e se movimentasse. É um recurso muito utilizado pelos editores de um telejornal para antecipar, ali na escalada ou na capa do telejornal, a imagem forte que será mostrada a seguir.

É precisamente com esse espírito que Ana Paula Padrão inicia o SBT Brasil. Ela só não “escala” o estúdio

porque o cenário é plano. Mas levanta-se de uma cadeira ao fundo do estúdio, onde simula estar diante de um computador, como se recebesse as últimas notícias, e caminha em direção à bancada. Anda num passo firme e decidido, como o de uma escalada em montanhas, e posta-se em pé diante da bancada, falando para a câmera principal para ler, no Teleprompter (TP), as manchetes do dia. Ela dá dinâmica à capa do telejornal, tanto no aspecto visual como no oral. As manchetes contêm frases curtas e vêm recheadas de opinião. Ao contrário de outros concorrentes, como o clássico *Jornal Nacional*, da Globo, que oscila entre o bom jornalismo e a postura de porta-voz oficial do(s) governo(s), Ana Paula Padrão destaca os principais fatos do dia, mesclando ironia ou indignação, conforme a natureza dos assuntos. Entrou aqui, ainda, na categoria Discurso, a subcategoria Palavra.

Quando o telejornal começa, cerca de um ou dois minutos depois da escalada com as manchetes, a âncora já está sentada à bancada, de onde vai chamar as notícias, os comentaristas ou realizar as entrevistas ao vivo. A apresentação de matérias é clássica: uma “cabeça” curta, de oito a quinze segundos de duração, introduzindo os VTs (videotapes) ou as entradas de repórteres ao vivo. O diferencial é que a âncora expressa sem receios suas opiniões. Seja em jogo de olhar ou mesmo com um sorriso irônico nos lábios. A categoria âncora, baseada nos fundamentos teóricos de Squirra (1993), aproxima-se do modelo introduzido no telejornalismo brasileiro por Casoy, no mesmo SBT. Ali estão contidos os gêneros Informativo, Opinativo e Interpretativo.

Nesse aspecto, a âncora revela uma certa cumplicidade com o

telespectador, dividindo com ele as reações positivas ou negativas ao que está sendo noticiado. Ela também demonstra domínio da notícia, atitude própria de quem participou efetivamente da elaboração do texto do telejornal. Demonstra, assim, que tem condições de Informar, Interpretar e Opinar sobre os fatos ali noticiados. Uma síntese do teor jornalístico do SBT Brasil pode ser encontrada nas palavras de Luiz Gonzaga Mineiro, diretor de jornalismo da emissora, no site www.sbt.com.br, onde ele define a proposta do programa, dizendo que “a hora de mudar é essa. A sociedade exige informações mais claras, livres e independentes. Chega de mesmice”.

Por “mesmice”, nas palavras de Mineiro, pode-se entender a forma asséptica e burocrática de informar, como se vê, diariamente, nos telejornais da Globo. É evidente que a âncora Ana Paula fez sua trajetória profissional na emissora carioca e ali também consolidou sua imagem de eficiência e credibilidade. Mas também é visível que a Globo não admite em seus programas jornalísticos a personalização das opiniões. Os ternos e as gravatas dos homens, os blazers das mulheres, os cortes de cabelos de ambos, o tom declamatório das narrativas, a edição de notícias, o texto das matérias, o enquadramento de câmera dos entrevistados, tudo nos telejornais da Globo obedece a uma padronização. Ana Paula Padrão seguia esse modelo na apresentação do *Jornal da Globo*, mas conseguiu furar o bloqueio, dando personalidade ao telejornal. E foi essa personalidade que ela levou junto para o SBT. A Globo, por sua vez, precisou substituí-la por um casal de âncoras (William Waak e Cristiane Pelajo) para fugir das comparações, que, por certo, seriam favoráveis à imagem da âncora anterior.

É relevante sublinhar a importância dos gêneros Interpretativo e Opinativo no telejornalismo. O público quer informações, sim, mas precisa de interpretações e opiniões para contextualizar a notícia. Esse é o papel da Televisão hoje. Afinal, no Brasil, ela está presente em mais de 96 % das casas e para a grande maioria das pessoas é a única janela para o mundo. É pela TV que o mundo entra na casa das pessoas.

A praça pública, onde os gregos se reuniam na antiguidade para discutir a sociedade, hoje é representada pela Mídia, com ênfase à televisão, já que ela é o veículo com maior alcance e visibilidade. O professor de sociologia política da Universidade de Cambridge, na Inglaterra, John Thompson, diz que o uso da Mídia não implica apenas na transmissão de informações, mas cria novas formas de ação e interação. E completa:

A Mídia transformou as condições da vida social e política. Uma das conseqüências foi a transformação da visibilidade. Há algum tempo, um acontecimento público era o que acontecia em locais abertos, acessíveis a todos, e para ser visto era necessária a presença física. Privado era o que permanecia restrito a poucos, atrás de portas fechadas.

Com a Mídia, público e privado adquiriram um novo sentido. Público é o que pode ser alcançado pelo olho da grande Mídia, ao transmitir um evento a milhões de pessoas, distantes no espaço e afastadas no tempo. Público agora é o visível (Thompson, 2000, p.11).

É indiscutível a influência da TV na formação de opinião por parte do



público. Mais do que informar, ela forma conceitos e opiniões. E todos querem ter uma opinião formada sobre os assuntos do dia-a-dia. Ninguém, do mais culto ao que tem menos formação, quer passar por desinformado ante os fatos que estão em discussão no cotidiano das pessoas.

As pessoas precisam saber o que está acontecendo para ter assunto: “Como puxar prosa com um desconhecido? Num mundo de grandes cidades, como o nosso, em que é tão comum nos depararmos com pessoas que nunca vimos antes, que assunto teremos com elas?”, provoca Janine Ribeiro (2005:97). E responde:

Esse estoque de assuntos se encontra, hoje, sobretudo na TV. Ela fornece a matéria-prima para o encontro dos desconhecidos. O concidadão é um desconhecido. A cidadania se faz com desconhecidos. Por isso é tão importante a filosofia política pensar a TV: é nela que se encontra, não o bem comum ideal, não a república imaginária, mas a possível, a real, com seus defeitos, mas também com suas potencialidades (Janine Ribeiro, 2005:97).



Conclusões

A TV é uma fusão do cinema com o rádio. Usa a linguagem visual adotada no cinema com a narrativa oral do rádio e o texto da Imprensa. Mas, por fazer uma fusão entre imagem e som, parece mais espontânea. Já foi dito que uma imagem vale por mil palavras. Não é bem assim. Mas é preciso alertar que a imagem pode encobrir o que está sendo dito pelo texto, pode esconder palavras que seriam fundamentais para a perfeita compreensão do assunto. Um exemplo: a pausa na narração de um texto, ao criar o silêncio, por alguns segundos, tem enorme significado. Apenas a imagem, sem narração ou música de fundo, por certo vai atrair a atenção do telespectador para o que está sendo mostrado. É o silêncio que vale muitas palavras, a imagem vai falar por si. E isso em uma tela luminosa, que está sempre em constante movimento, significa muito.

A televisão dá prioridade ao componente visual, de maneira a causar fascinação no público. Ela

aumenta o peso da imagem em relação ao valor da palavra. E o telespectador decodifica, mais facilmente, os códigos visuais do que os verbais. Como já visto anteriormente, para Barthes (1999), a Imagem é impactante. Ela tem repercussão imediata, provoca reações e emoções. Basta lembrar que se alguém diz que “isso apareceu na TV”, o outro aceita passivamente a situação como um fato real: “Se apareceu na TV, então aconteceu”.

Mas ela não é mera observadora dos fatos. Por trás de uma câmera, está o olhar de um cinegrafista. A matéria jornalística é uma história contada pela ótica do repórter, com as imagens captadas pelo cinegrafista. Na edição, o jornalista faz escolhas, optando por uma, e não por outra cena; por esse, e não por aquele trecho da resposta do entrevistado. TV é edição, é recorte, é fragmento. O desafio de quem trabalha nela é escolher certo, com responsabilidade, critério, ética, e, principalmente, honestidade. Existe imparcialidade jornalística? É claro que não. A ótica do jornalista, do cinegrafista, do fotógrafo, do diretor da empresa e dos interesses que ela representa sempre estarão de algum lado.

Para Barthes (1964:39), o Signo compõe-se de Significado, o plano de conteúdo, e de Significante, o plano de expressão. O Significado é a representação psíquica da substância material, enquanto o Significante refere-se à substância material do signo, ou seja, sons, objetos e imagens. Para ele, “o mundo dos significados não é outro senão o da linguagem”. E completa, afirmando que “a Televisão é um sistema complexo de comunicação de massa, que produz sentidos tributários de um concurso de imagens, sons e grafismos, ou seja, que gera sentidos pela utilização de variados tipos de

signos” (Barthes, 1964:24).

Assim, a conclusão do presente artigo é a de que o telejornal SBT Brasil, ancorado pela jornalista Ana Paula Padrão, não esconde suas escolhas. Ele oferece claramente ao público suas opiniões, manifestadas de forma indisfarçável por sua Âncora. É um ponto-de-vista, claro, e isso fica bastante claro. Não diz que é, e nem tem a pretensão de ser, o dono absoluto da verdade. Até porque a verdade não tem donos. A verdade é relativa e o principal mérito do programa aqui analisado é o de revelar essa relatividade. A relatividade dos signos, em Barthes, que nele aparece de forma direta e objetiva. A principal característica do SBT Brasil é a honestidade no tratamento dos fatos que ali são apresentados como notícia. Os fatos que se sobressaíram entre os demais, os que adquiriram o caráter de noticiabilidade, e ali são apresentados de forma clara e transparente, merecendo olhares de aprovação ou reprovação da Âncora, que assim cumpre o seu papel de mediadora. A figura da Âncora corresponde à expectativa que o público tem dela. As pessoas esperam uma opinião, um olhar que tenha expressão, e isso está explícito na opinião expressa no olhar de Ana Paula Padrão ao comandar o SBT Brasil. O SBT Brasil é um jornal que tem cara. E não a esconde do seu público.

Abstract

This article studies the semiological elements which are present in the discourse of Media. The dissertation looks into the following questions: how does Media, specially TV, use the disclosure of categories as a way of drawing public attention for less important subjects while failing to report the really significant issues? Why is it that Culture, in one of its sub-categories, Color, is a fundamental piece

in the visual component of TV broadcasts, acting as a key element in scenes, images and composition? Anchor, Media, Discourse and Power also studies in this article, based in theories of Barthes.

Keywords: Anchor - Television - Semiology.

Referência

- BARTHES, Roland. Fragmentos de um Discurso amoroso. 4ª ed.. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.
- _____. Como Viver junto. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. Sistema da Moda. Lisboa: Edições 70, 1999.
- _____. Escritores, Intelectuais, Professores e outros ensaios. Lisboa: Perspectiva, s. d..
- _____. O Óbvio e o Obtuso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- _____. Aula. 9ª ed.. São Paulo: Cultrix, 1997.
- _____. Elementos de Semiologia. Ed. Cultrix, 1964.
- MAFFESOLI, Michel. A Contemplação do Mundo. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- FARINA, Modesto. A Psicodinâmica das cores em comunicação. São Paulo: Editora Edgar Blucher, 1990.
- JANINE RIBEIRO, Renato. O afeto autoritário: Televisão, ética e democracia. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.
- SQUIRRA, Sebastião. Boris Casoy – O Âncora no telejornalismo brasileiro. 2ª ed.. Petrópolis: Vozes, 1993.
- THOMPSON, John B. O escândalo político: Poder e visibilidade na era da Mídia. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

Outras fontes pesquisadas:

www.sbt.com.br

www.globo.com.br

Data do recebimento: 13/02/2006

Data do aceite: 25/04/2006